



LAURA  
PURCELL

COMPANHIA  
SILENCIOSA

«Uma trama viciante e cuidadosamente  
urdida... de poucas em poucas páginas,  
uma revelação arrepiante.»

*The Times Literary Supplement*

**TOPSELLER**

*Para a Juliet*

## Hospital de St. Joseph

O novo médico apanhou-a de surpresa. Não que houvesse algo de invulgar na sua chegada — os médicos iam e vinham com bastante frequência. Mas este era jovem. Novo na profissão e no hospital. Emanava um brilho que lhe fez doer os olhos.

— É ela? É a Sra. Bainbridge? — Chamar-lhe senhora foi um toque simpático. Ela não se lembrava da última vez que lhe haviam dado um título. Soou-lhe como uma melodia quase esquecida. Ele ergueu os olhos dos apontamentos, atentando nela. — Sra. Bainbridge, sou o Dr. Shepherd. Estou aqui para a ajudar. Para garantir que lhe fornecemos os cuidados adequados.

*Cuidados.* Apeteceu-lhe levantar-se da cama, pegar-lhe no braço e conduzi-lo gentilmente à porta. Aquele lugar não era para inocentes. Ao lado da auxiliar robusta, uma megera de meia-idade, ele parecia tão vibrante, tão vivo. As paredes caiadas não lhe haviam desvanecido a cor das faces nem entorpecido o ritmo da voz. Detetou nos seus olhos um brilho de interesse, o que a perturbou mais do que a carranca da auxiliar.

— Sra. Bainbridge? Compreende?

— Eu bem lhe disse. — A auxiliar fungou. — Não vai arrancar nada dela.

O médico suspirou. Enfiando os papéis debaixo do braço, avançou no interior do quarto.

— Isso costuma acontecer. Frequentemente, em casos de grande perturbação. Por vezes, o choque é tão intenso, que o paciente fica incapaz de falar. É admissível, não é?

As palavras borbulharam no peito dela, instaurando-lhe uma dor nas costelas, e a sua força fez-lhe tremer os lábios. Mas eram fantasmas, ecos de coisas que já haviam sido. Nunca mais as experienciaria.

O médico inclinou-se para a frente, ficando com a cabeça ao nível da dela, os seus olhos, grandes e imperturbáveis, atrás dos óculos, impossíveis de ignorar. Círculos muito claros de verde-hortelã.

— Isto tem cura. Com tempo e paciência. Já o testemunhei.

A auxiliar soltou um suspiro reprovador.

— Não se aproxime, doutor. Esta é das ferozes, a sério! Uma vez cuspiu-me na cara.

Ele observava-a fixamente, bastante perto, ao ponto de ela lhe sentir o cheiro: sabão carbólico, cravo-da-índia. A memória faiscou, como uma caixa de acendalhas. Recusou-se a deixar que o fogo pegasse.

— A senhora não quer recordar o que lhe aconteceu. Mas consegue falar. A inalação de fumo não foi tão intensa que a tivesse deixado muda.

— Ela não vai falar, doutor. Não é parva. Sabe onde é que a metiam se não estivesse aqui.

— E não pode escrever? — O médico olhou em volta do quarto. — Porque é que não há aqui nada com que ela possa escrever? Nem sequer tentaram comunicar com ela?

— Não lhe confiaria uma caneta.

— Uma lousa, então, e giz. Pode ir buscá-los ao meu gabinete. — Procurou no bolso e entregou uma chave à auxiliar. — Agora, se faz favor.

Com uma carranca, a auxiliar pegou na chave e saiu.

Ficaram sozinhos. Ela sentiu os olhos dele sobre si — não duros, mas desconfortáveis, como a comichão provocada por um inseto a subir-lhe pela perna.

— A medicina está a mudar, Sra. Bainbridge. Não sou homem para lhe dar choques elétricos, nem para a mergulhar em banhos frios. Só quero ajudar. — Inclinou a cabeça. — Deve saber que lhe foram feitas certas... acusações. Houve quem achasse que devia ter

sido transferida para instalações de segurança. Ou que talvez um hospital psiquiátrico não seja o lugar para si.

*Acusações.* Nunca lhe tinham explicado o fundamento das acusações; chamaram-lhe simplesmente assassina, e, durante algum tempo, ela fizera jus à sua reputação: atirava chávenas, arranhava as enfermeiras. Agora, porém, tinha um quarto só para si e medicação mais forte, e era preciso um grande esforço para representar esse papel. Preferia dormir. Esquecer.

— Estou aqui para decidir o seu destino. Mas, para a poder ajudar, preciso que me ajude. Preciso que me conte o que aconteceu.

Como se ele pudesse compreender. Ela vira coisas que ultrapassavam a capacidade de compreensão do seu pequenino cérebro científico. Coisas que ele afirmaria impossíveis, até ao momento em que assomassem ao seu lado, pressionando as mãos gastas e lascadas contra as suas.

Ele esboçou um sorriso, fazendo-lhe surgir uma covinha na bochecha esquerda.

— Sei o que está a pensar. Todos os pacientes dizem o mesmo, que não acreditarei neles. Confesso que presencio muitos delírios aqui, mas poucos não têm fundamento. Foram formados por alguma experiência. Mesmo que pareça extraordinário, gostaria de ouvir o que a senhora pensa que aconteceu. Por vezes, o cérebro não consegue lidar com a informação que tem de processar. Percebe o sentido do trauma de maneiras estranhas. Se eu puder ouvir o que a sua mente lhe diz, talvez consiga compreender como funciona.

Ela retribuiu-lhe o sorriso. Era um sorriso desagradável, aquele que fazia as enfermeiras recuarem, mas ele não estremeceu.

— E talvez possamos virar a situação difícil em que se encontra a seu favor. Quando ocorre um trauma, normalmente é bom que a vítima escreva sobre o que aconteceu. De uma forma distanciada. Como se tivesse acontecido a outra pessoa.

A porta rangeu: a auxiliar voltou, trazendo a lousa e o giz. O Dr. Shepherd pegou-lhes e aproximou-se da cama, oferecendo-lhe os artigos como se fossem um raminho de oliveira.

— Então, Sra. Bainbridge. Vai tentar? Escreva alguma coisa.

Ela estendeu a mão, hesitante, e pegou no giz. Este acomodou-se estranhamente na sua mão. Depois de tanto tempo, não se lembrava de como começar. Encostou a ponta do giz à lousa e desenhou uma linha vertical. O giz rangeu — um som agudo e horrível que a deixou arrepiada. Entrou em pânico, pressionou-o com demasiada força e a ponta do giz partiu-se.

— Francamente, acho que um lápis seria mais fácil. Repare, ela não é perigosa. Está só a tentar fazer o que lhe pedimos.

A auxiliar fitou-o ferozmente.

— À sua responsabilidade, doutor. Trago-lhe um mais tarde.

Ela conseguiu rabiscar algumas letras. Saíram-lhe sumidas, mas receava voltar a usar a força. Mal visível na lousa, lia-se um trémulo «Olá».

O Dr. Shepherd recompensou-a com outro sorriso.

— É isso! Continue a praticar. Acha que consegue reconstituir o que se passou, Sra. Bainbridge, e fazer o que lhe pedi? Escrever tudo aquilo de que se lembra?

Tão simples quanto isso.

Ele era demasiado jovem. Demasiado fresco e cheio de esperança para perceber que iria haver períodos da sua vida que ele haveria de preferir apagar — anos inteiros de momentos insuportáveis.

Ela empurrara-os tão para o fundo de si, que só conseguia alcançar um ou dois. O suficiente para confirmar que não queria os restantes. Sempre que tentava pensar no passado, via-os. As suas caras horríveis a barrar-lhe o caminho para o passado.

Limpou a lousa com o punho da manga e escreveu novamente. «Porquê?»

Ele pestanejou por trás dos óculos.

— Bem... o que é que acha?

«Cura.»

— Isso mesmo. — A covinha reapareceu. — Imagine que conseguimos curá-la? Que a libertamos deste hospital?

Por amor de Deus. «Não.»

— Não? Mas... não compreendo.

— Eu disse-lhe, doutor — interveio a assistente com a sua voz áspera de gralha. — Ela fê-lo, sem dúvida.

Ela levantou as pernas e deitou-se na cama. A sua cabeça latejava. Levou as mãos às têmporas, apertando-as, como se tentasse manter as coisas no sítio. Sentiu os pelos ásperos que lhe saíam da cabeça rapada. O cabelo a crescer, os meses a passar, e ela ali trancada.

Quanto tempo fora? Um ano, calculava. Podia perguntar-lhes, escrever a pergunta na lousa, mas temia saber a verdade.

Não estaria na hora do seu medicamento, na hora de amortecer o mundo?

— Sra. Bainbridge? Sra. Bainbridge, sente-se bem?

Ela ficou de olhos fechados. Bastava, bastava. Quatro palavras, e já escrevera demasiado.

— Talvez a tenha pressionado demais para hoje — disse ele.

Ainda assim, permaneceu ali, uma presença inquietante junto da cama dela.

Estava tudo errado. Sentia a mente a derreter.

Finalmente, ouviu-o a endireitar-se. Chaves a chocalharem, uma porta a abrir-se.

— Quem é o próximo?

A porta fechou-se, abafando-lhes as vozes. As palavras e os passos afastaram-se pelo corredor.

Estava sozinha, mas o isolamento não a confortou como era costume. Barulhos em que geralmente não atentava tornaram-se dolorosamente sonoros: o estalido de uma fechadura, uma gargalhada à distância.

Sentindo-se frenética, enterrou a cabeça debaixo da almofada e tentou esquecer.

A verdade. Ela não conseguia parar de pensar nisso durante as frias e cinzentas horas de silêncio.

Não havia jornais na sala de convívio — pelo menos quando lhe deram permissão para lá estar —, mas os rumores tinham uma

grande capacidade de se infiltrar por baixo das portas e através das rachas das paredes. As mentiras dos jornalistas haviam entrado no hospital muito antes dela. Desde que acordara naquele sítio, recebera um novo nome: «assassina».

Outros pacientes, auxiliares e até enfermeiros, quando pensavam que ninguém os estava a ouvir, torciam a boca e mostravam os dentes ao dizê-lo, vorazes: «Assassina.» Como se quisessem assustá-la. *A ela.*

Não era a injustiça que detestava, mas o som, as sílabas da palavra a assobiarem-lhe aos ouvidos, como... *Não.*

Virou-se na cama e apertou os braços arrepiados, tentando manter-se controlada. Até agora, estivera segura. Segura atrás de paredes, segura atrás do seu silêncio, segura com as drogas maravilhosas que afogavam o passado. Contudo, o médico novo... Era com um relógio a assinalar, com um toque a finados, que o seu tempo terminara. «Talvez um hospital psiquiátrico não seja o lugar para si.»

O pânico subiu-lhe em espiral pelo peito.

Voltava às mesmas três opções. Não dizer nada e ser considerada culpada; destino: a força. Não dizer nada e, por milagre, ser ilibada; destino: o mundo frio e duro lá fora, sem medicamentos que a ajudassem a esquecer.

Restava-lhe só uma escolha: a verdade. Mas qual era a verdade?

Quando olhava para o passado, os únicos rostos que via claramente eram os dos seus pais. Em torno destes, uma densidade de figuras nas sombras, figuras cheias de ódio que a tinham aterrorizado e mudado o curso da sua vida.

Mas ninguém acreditaria nisso.

Uma lua cheia brilhava em linhas prateadas através da janela, na parte de cima da parede, tocando-lhe a cabeça. Ficou ali deitada, a olhá-la, até que o pensamento lhe ocorreu. Naquele lugar de desordem, estava tudo virado de pernas para o ar. A verdade era uma loucura, para lá dos domínios de qualquer imaginação saudável. E, por isso, a única coisa que, garantidamente, a manteria trancada.



Deslizou da cama para o chão. Estava frio e ligeiramente pegajoso. Por mais vezes que o lavassem, o cheiro a urina pairava no ar. Agachou-se ao lado da cama, enfrentando, finalmente, a grande sombra do outro lado do quarto.

O Dr. Shepherd ordenara que a pusessem ali: a primeira coisa nova num cenário inalterado. Uma secretária. Mas era mais um instrumento para abrir o ossário e exumar tudo o que ela enterrara.

Com a pulsação a matraquear-lhe no pescoço, rastejou pelo chão. Por qualquer razão, sentia-se mais segura agachada, debaixo dela, fitando-lhe as pernas entalhadas. *Madeira*. Estremeceu.

Decerto não havia razão para ser cautelosa aqui. Decerto eles não poderiam pegar em qualquer pedaço de madeira e... Não era possível. Mas, afinal, nada daquilo era possível. Nada daquilo fazia o menor sentido. E, contudo, *acontecera*.

Lentamente, pôs-se de pé e examinou a superfície da secretária. O Dr. Shepherd deixara-lhe todos os utensílios à vista: papel e um lápis grosso, de ponta romba.

Puxou uma folha para si. Sob a luz débil, viu um vazio branco, aguardando as suas palavras. Engoliu a dor na garganta. Como poderia reviver aquilo? Como poderia obrigar-se a fazer-lhes tudo outra vez?

Espreitou a página em branco, tentando ver, algures na sua vasta extensão de nada, aquela outra mulher de há tanto tempo.

## The Bridge, 1865

*N*ão estou morta.

Elsie recitou as palavras, à medida que a carruagem ia chapinhando através das estradas rurais, salpicando lascas de lama. As rodas faziam um barulho de sucção. *Não estou morta*. Mas era difícil de acreditar, olhando para o fantasma do seu reflexo na janela manchada de chuva: a pele lívida, as faces cadavéricas, os caracóis escondidos pela gaze preta.

Lá fora, o céu estava cinzento-chumbo, a sua monotonia quebrada apenas pelos corvos. Quilómetro após quilómetro, o cenário não mudava. Campos de restolho, árvores esqueléticas. *Vão enterrar-me*, percebeu. *Vão enterrar-me juntamente com o Rupert*.

Não era suposto ter sido assim. Eles já deviam estar de volta a Londres; a casa totalmente aberta, a transbordar de vinho e de velas. Esta temporada estavam na moda as cores vivas. Os salões estariam banhados de azulino, malva, magenta e verde de Paris. Ela deveria estar lá, no centro de tudo: convidada para todas as festas resplandcentes de diamantes, pendurada no braço do anfitrião de colete às riscas, a primeira senhora a ser conduzida à sala de jantar. A nova noiva era sempre a primeira.

Mas não uma viúva. Uma viúva escondia-se da luz e enterrava-se num túmulo de dor. Tornava-se uma sereia afogada em crepe preto, como a rainha. Elsie suspirou e fitou o reflexo vazio dos seus olhos. Devia ser uma esposa horrível, pois não ansiava pela reclusão. Sentar-se em silêncio a cismar nas virtudes de Rupert

não aliviaria a sua dor. Apenas a distração poderia fazê-lo. Queria frequentar o teatro, andar de um lado para o outro nas carruagens barulhentas. Preferia estar em qualquer lugar, menos sozinha naqueles campos sombrios.

Bem, não propriamente sozinha. Sarah estava afundada nas almofadas à sua frente, debruçada sobre um gasto volume encadernado em pele. A sua boca grande mexia-se ao ler, sussurrando as palavras. Elsie já a desprezava. Aqueles olhos bovinos da cor da lama, sem qualquer brilho de inteligência, as faces chupadas e o cabelo ralo que estava sempre a escapar-se-lhe para fora da touca. Já vira lojistas mais refinadas.

«Far-te-á companhia», prometera Rupert. «Toma conta dela enquanto eu estiver em The Bridge. Mostra-lhe algumas vistas. A pobre rapariga não sai muito.»

Ele não exagerara. A prima Sarah comia, respirava, pestanejava... e, ocasionalmente, lia. Mais nada. Não tinha iniciativa nem desejo de melhorar a sua posição. Acomodara-se à sua rotinazinha de dama de companhia de uma idosa senhora aleijada até a velhota morrer.

Como bom primo, Rupert acolhera-a. Agora, Elsie ficara com ela nos braços.

Folhas amarelas em forma de leque tombavam dos castanheiros e aterravam no teto da carruagem. *Tap, tap*. Terra por cima do caixão.

Apenas mais uma hora ou duas e o sol começaria a pôr-se.

— Quanto tempo falta?

Sarah ergueu os olhos embaciados do livro.

— Hum?

— Quanto tempo?

— Até?

*Santo Deus!*

— Até chegarmos.

— Não sei. Nunca estive em The Bridge.

— Não? Também nunca lá foi? — Era incompreensível. Para uma família antiga, os Bainbridges não eram lá muito orgulhosos

da sua residência ancestral. O próprio Rupert, aos 45 anos, não tinha memória do lugar. Parecia só se ter lembrado de que era seu proprietário quando os advogados estavam a ratificar o acordo de casamento. — Não acredito! Nunca visitou a propriedade, nem quando era pequena?

— Não. Os meus pais falavam muitas vezes dos jardins, mas nunca os vi. O Rupert não se interessou pelo sítio, até...

— Até me conhecer — concluiu Elsie.

Conteve as lágrimas. Tinham estado tão perto de criar uma vida perfeita juntos, não tinham? Rupert fora preparar a propriedade para a primavera e para o herdeiro que aí vinha. Mas agora deixara-a sozinha, sem experiência na administração de uma propriedade rural, forçada a lidar com o legado da família e com uma criança por nascer. Imaginava-se a cuidar de um bebé num salão bolorento, com reposteiros verde-ervilha rasgados e um relógio coberto de teias de aranha sobre a pedra da lareira.

Lá fora, ouviam-se os cascos dos cavalos na lama. As janelas começaram a embaciar. Elsie puxou a manga e esfregou o vidro. Viu passar imagens lúgubres. Estava tudo coberto de ervas e em mau estado. Restos de um muro de tijolo cinzento erguiam-se da vegetação como lápides, e trevos e fetos cresciam por todo o lado. A natureza cumpria o seu papel, reclamando o espaço com arbustos e musgo.

Como é que a estrada para a casa de Rupert podia estar naquele estado? Ele era um homem de negócios exigente, bom com os números, equilibrado nas contas. Como deixara uma das suas propriedades degenerar naquela desordem?

A carruagem chocalhou e parou bruscamente. Peters praguejou lá em cima, no banco.

Sarah fechou o livro e pô-lo de lado.

— O que se passa?

— Acho que estamos a chegar. — Debruçando-se, Elsie espreitou à maior distância que conseguiu. Uma neblina serpenteava do rio que corria ao longo da estrada, amortalhando o horizonte.

Certamente, já estavam em Fayford. Parecia que tinham andado aos solavancos durante horas. A entrada no comboio, em Londres, na madrugada cor de uísque, parecia-lhe um acontecimento da semana passada, e não dessa manhã.

Peters estalou o chicote. Os cavalos resfolegaram e puxaram os arreios, mas a carruagem apenas balançou.

— O que se passa?

O chicote voltou a estalar. Cascos chapinharam na lama. Nós de dedos bateram no teto.

— Senhora, vai ter de sair.

— Sair? — repetiu ela. — Não podemos sair nesta imundície!

Peters saltou do banco, aterrando com um chapão. Deu alguns passos molhados até à porta e abriu-a. A neblina irrompeu, brincando em torno da entrada.

— Receio bem que não tenha escolha, minha senhora. A roda está atolada. A única coisa que podemos fazer é puxá-la e esperar que os cavalos façam o resto. Quanto menos peso dentro da carruagem, melhor.

— Decerto que duas senhoras não pesam assim tanto...

— Pesam o suficiente para fazer diferença — retorquiu ele com franqueza.

Elsie gemeu. Sentia o nevoeiro a comprimir-lhe as faces, húmido, como o hálito de um cão, transportando o cheiro da água e um forte sabor a terra.

Sarah pousou o livro e pegou nas saias. Parou, com a anágua erguida acima dos tornozelos.

— Faça favor, Sra. Bainbridge.

Noutras circunstâncias, Elsie ficaria satisfeita por vê-la tão atenciosa. Desta vez, porém, preferia não ir à frente. O nevoeiro já se acumulara a uma velocidade surpreendente. Mal distinguia a forma de Peters e da mão que ele lhe estendia.

— Os degraus? — perguntou ela, sem grande esperança.

— Não consigo baixá-los neste ângulo, minha senhora. Terá de saltar. A altura é pouca. Eu seguro-a.

Toda a sua dignidade resumia-se a isto. Com um suspiro, Elsie fechou os olhos e saltou. Peters segurou-a pela cintura, por um instante, pousando-a na lama, de seguida.

— Agora a menina.

Elsie afastou-se tropeçadamente da carruagem, não querendo que os grandes pés de Sarah lhe pisassem a cauda do vestido. Era como andar sobre arroz-doce. As suas botas escorregavam e atolavam-se em ângulos estranhos. Não conseguia ver onde pisava; a neblina flutuava-lhe até aos joelhos, obscurecendo tudo o que ficava abaixo deles. Talvez fosse uma coisa boa: não queria ver a bainha do seu vestido novo de bombazina cheia de lama.

Surgiam mais castanheiros, dispersos, através do nevoeiro. Ela nunca vira nada assim; não era amarelo e sulfuroso como o nevoeiro típico de Londres, nem ficava suspenso — movia-se. As nuvens prateadas e cinzentas deslizavam para o lado, revelando uma parede rachada junto da linha de árvores. Alguns tijolos haviam caído, deixando buracos, como dentes em falta. A meio da parede, havia uma moldura de uma janela, vazia e a apodrecer. Tentou ver mais claramente, mas as imagens dissolviam-se quando o nevoeiro passava diante delas.

— Peters? Que edifício horrível é este?

Um grito rompeu o ar húmido. Elsie virou-se, com o coração a matraquear, mas só viu nevoeiro.

— Calma, menina. — Era a voz de Peters. — Está tudo bem.

Elsie soltou a respiração e viu-a ser absorvida pelo nevoeiro.

— O que se passa? Não vos vejo. A Sarah caiu?

— Não, apanhei-a a tempo.

Provavelmente, fora o momento mais excitante que a rapariga vivera em todo o ano. Elsie ia dizer um gracejo, mas, então, ouviu outro som: mais baixo, mais insistente. Um gemido fundo e prolongado. Os cavalos deviam tê-lo ouvido também, pois remexeram-se bruscamente nos arreios.

— Peters? O que foi isto?

O barulho soou de novo: baixo e lamentoso. Não lhe agradava. Não estava habituada àqueles sons e nevoeiros campestres — nem

queria habituar-se. Erguendo a cauda do vestido, voltou para junto da carruagem. Caminhou demasiado depressa, e o pé escorregou-lhe, a terra deslizou debaixo de si e as suas omoplatas embateram na lama.

Ficou deitada de costas, atónita. Sentiu o lodo frio deslizar-lhe para o espaço entre a gola e a touca.

— Sra. Bainbridge? Onde está?

A queda deixara-a ofegante. Não estava ferida — não ficou preocupada com o bebé —, mas não conseguia falar. Olhou para cima, para as ondulantes colunas brancas. A humidade infiltrava-se-lhe pelo vestido. Algures, numa parte distante do cérebro, gritou pelos danos na bombazina preta.

— Sra. Bainbridge?

O gemido voltou a soar, agora mais próximo. A névoa movia-se por cima dela, como um espírito inquieto. Apercebeu-se de uma forma sobre a sua cabeça, uma presença. Gemeu debilmente.

— Sra. Bainbridge!

Elsie estremeceu ao vê-los, a centímetros do seu rosto: dois olhos desumanos. Um nariz húmido. Asas negras, como um morcego. A criatura cheirou-a e depois mugiu. *Mugiu.*

Uma vaca. Era apenas uma vaca, presa por uma extensão de corda desfiada. Elsie recuperou a voz, envolta num tom de embaraço.

— Xô! Sai daqui! Não tenho comida para ti.

A vaca não se mexeu. Não seria capaz de se mover? Não parecia, de facto, uma criatura saudável. Um pescoço magro apoiava-lhe a cabeça, e as moscas voavam-lhe em torno das costelas protuberantes. Pobre animal.

— Aí está a senhora! — Peters desviou a vaca do caminho. — O que aconteceu, minha senhora? Está bem? Deixe-me ajudá-la.

Foram necessárias quatro tentativas até ele conseguir levantá-la. O vestido soltou-se do atoleiro com um rasgão. Estragado.

Peters sorriu-lhe de esguelha.

— Não se preocupe, minha senhora. Isto não tem ar de sítio onde precise de se vestir bem, pois não?

Ela espreitou por cima do ombro dele, onde as últimas plumas de névoa se retorciam. Decerto que não. Certamente que a aldeia que se lhe oferecia à vista não poderia ser Fayford...

Uma fila de casinhas em ruínas agachava-se sob as árvores, todas com uma janela partida ou uma porta desengonçada. Os buracos nas paredes haviam sido remendados à pressa com lama e esterco. O colmo fazia uma tentativa patética de se estender por todo o telhado, mas estava manchado de bolor.

— Não admira que tivéssemos ficado atolados. — Peters apontou para a estrada que passava entre as casas. Era praticamente um rio castanho. — Bem-vinda a Fayford, minha senhora.

— Isto não pode, de modo algum, ser Fayford — retorquiu ela. O rosto pálido de Sarah surgiu ao seu lado.

— Receio bem que seja — comentou baixinho. — Oh, céus!

Elsie só conseguiu ficar boquiaberta. Já era bastante mau ficar encurralada no campo, mas ali?! Casar com Rupert deveria ter significado uma ascensão social, proporcionar-lhe rendeiros bem alimentados e humildes.

— Fiquem aí, senhoras — disse Peters. — Vou desatolar a roda enquanto há menos neveiro. — Voltou para junto da carruagem, pisando cuidadosamente a lama.

Sarah aproximou-se de Elsie. Pela primeira vez, esta sentia-se contente com a sua presença.

— Eu esperava que pudéssemos fazer agradáveis passeios no campo, Sra. Bainbridge, mas receio que tenhamos de nos manter dentro de casa este inverno.

*Dentro de casa.* As palavras eram como uma chave a rodar numa fechadura. Aquela velha sensação de encurralamento da sua infância. Como podia tirar Rupert da cabeça se permanecesse dentro de casa?

Supôs que haveria livros. Jogos de cartas. Mas depressa se tornariam entediantes.

— A Sra. Crabbly chegou a ensiná-la a jogar gamão, Sarah?

— Oh, sim. E depois, claro... — Ela interrompeu-se bruscamente, arregalando os olhos.



— Sarah? O que foi?

Ela apontou com a cabeça para as casinhas. Elsie virou-se.

Caras sujas pairavam junto das janelas. Pessoas destroçadas, piores do que a vaca.

— Devem ser os meus rendeiros. — Ergueu uma mão, sentindo que deveria saudá-los, mas faltou-lhe a coragem.

— Devemos... — Sarah estremeceu. — Devemos tentar falar com eles?

— Não. Mantenha-se à distância.

— Mas têm um aspeto tão miserável!

Era um facto. Elsie vasculhou o seu cérebro em busca de formas de os ajudar. Visitá-los com um cesto e ler-lhes uma passagem da Bíblia? Era o que as senhoras ricas faziam, não era? Contudo, não lhe pareceu que eles apreciassem esse esforço.

Um cavalo relinchou. Ouviu-se uma imprecação. Elsie virou-se e viu a roda da carruagem a sair do atoleiro com um forte gorgolejo, salpicando Peters de lama.

— Bem — disse ele, lançando um olhar malicioso ao vestido de Elsie —, agora somos dois.

A carruagem avançou um pouco. Por trás, viam-se as ruínas de uma igreja. O pináculo desaparecera, deixando apenas um espigão de madeira. Estava rodeada de erva amarela, dispersa, apinhada de lápides. Alguém os observava do portão do cemitério.

Elsie sentiu a barriga a ferver. O bebé. Pôs uma mão sobre o corpete enlameado e, com a outra, pegou no braço de Sarah.

— Vamos. Voltemos para a carruagem.

— Oh, sim. — Sarah avançou precipitadamente. — Vamos para casa o mais depressa possível!

Elsie não conseguiu partilhar do seu entusiasmo. Porque, se a aldeia era aquele ninho de ratos, o que podiam esperar da casa?

O rio sussurrava-lhes, num marulhar incorpóreo. Pedras manchadas de musgo formavam uma ponte que atravessava a água — devia ser a ponte que dera o nome à casa. Não era como nenhuma

das pontes de Londres. Em vez de arquitetura e engenharia modernas, viam-se arcos a desmoronar-se, batidos pela espuma. Um par de leões de pedra descorada flanqueava os postes, de cada lado da água. Fez-lhe lembrar pontes móveis, o Portão dos Traidores da Torre de Londres.

Contudo, este rio não era como o Tamisa; era límpido, não cinzento ou castanho. Ela pestanejou ao detetar um movimento rápido sob a superfície. Formas negras a rodopiarem. Peixes?

Quando chegaram ao outro lado, saltou-lhes à vista um pórtico, como que surgindo do nada. Peters abrandou a velocidade da carruagem, mas ninguém veio recebê-los. Elsie baixou a janela, estremeecendo quando a manga húmida lhe deslizou no braço.

— Avança, Peters.

— Ali! — gritou Sarah. — A casa é ali.

A estrada descia por uma série de colinas, onde o sol começava a pôr-se. Mesmo lá ao fundo, agachada numa ferradura de árvores vermelhas e cor de laranja, ficava The Bridge.

Elsie levantou o véu. Viu um edifício baixo, de estilo jacobino, com três espigões no telhado, um zimbório central e chaminés de tijolo vermelho a espreitarem por trás. A hera saía das fendas e envolvia os torreões, de cada lado da casa. The Bridge parecia morta.

Estava tudo morto. Canteiros jaziam prostrados sob o olhar sem vida das janelas; as sebes eram castanhas e esburacadas; as trepadeiras abafavam os canteiros de flores. Até os relvados eram amarelos e ralos, como se uma doença contagiosa se tivesse propagado lentamente pelos terrenos. Só os cardos prosperavam, os seus picos púrpura eriçados por entre o cascalho colorido.

A carruagem parou, levantando a gravilha, em frente da fonte, a peça central dos terrenos decrepitos. Outrora, quando a pedra era branca e os cães esculpidos na parte superior eram novos, devia ter sido uma bela estrutura. Agora, já não saía água das bicas e serpenteavam fissuras pela bacia vazia.

Sarah recuou.

— Estão todos cá fora para nos receberem — disse ela. — Todo o pessoal doméstico.

O estômago de Elsie afundou-se. Estivera demasiado absorta a observar os jardins. Olhou para as três mulheres, vestidas de preto, que aguardavam à porta. Duas usavam toucas e aventais brancos, enquanto a terceira tinha a cabeça descoberta, revelando um rolo de cabelo cinzento. Ao lado dela estava um homem de porte rígido e formal.

Elsie baixou os olhos para a sua saia. Estava manchada como um portão de ferro enferrujado. A lama tornava a bombazina pesada, colando-se-lhe em torno dos joelhos. O que pensariam os seus novos criados se a vissem naquele estado? Estaria mais aprumada e mais limpa com as suas roupas da fábrica.

— A senhora da casa deve conhecer o seu pessoal doméstico. Mas eu preferia não o fazer toda enlameada.

Sem aviso, a porta da carruagem abriu-se. Ela sobressaltou-se. Diante de si, encontrava-se um jovem esguio, num fato preto.

— Oh, Jolyon, és tu! Graças a Deus!

— Elsie? Que raio aconteceu? — Os seus cabelos castanho-claros estavam penteados para trás, como que para enfatizar o desconcerto inscrito na sua cara.

— Um acidente. A roda da carruagem ficou presa e eu caí... — Apontou para a saia. — Não posso conhecer o pessoal assim. Manda-os de volta para dentro.

Ele hesitou. As faces coraram, junto às patilhas.

— Mas... vai parecer tão estranho! O que é que lhes digo?

— Não sei! Diz-lhes qualquer coisa. — Ela ouviu o som áspero da sua própria voz e sentiu-se perigosamente perto das lágrimas. — Arranja uma desculpa.

— Muito bem. — Jolyon fechou a porta da carruagem e recuou. Ela viu-o virar-se, a brisa erguendo-lhe um caracol de cabelo junto do colarinho. — A Sra. Bainbridge está... indisposta. Tem de ir diretamente para a cama. Acendam o lume e mandem chá para cima.

Ouviram-se murmúrios lá fora, mas, logo depois, o ranger acolhedor de solas de sapatos a recuarem no cascalho. Elsie suspirou de alívio. Não teria de os enfrentar — ainda não.

Achava que os criados eram, entre todas as pessoas, os mais prontos a julgar: zelosos da posição do seu amo, visto estar intimamente ligada à sua. O pessoal da casa de Rupert em Londres olhara-a de nariz empinado quando ela chegara da fábrica de fósforos. A confissão de que não dispunha de pessoal doméstico desde a morte da mãe selara o seu desprezo. Apenas o respeito por Rupert e os olhares de aviso dele os mantinham civilizados.

Sarah inclinou-se para a frente.

— O que vai fazer? Precisa de mudar já de roupa, antes de ser vista. E a Rosie não está cá!

Não. Rosie não quisera abandonar a sua vida e os salários de Londres para vir viver para aquele fim de mundo. Elsie não podia censurá-la. E, para ser franca, estava secretamente aliviada. Nunca se sentira confortável a despir-se em frente da criada, umas mãos estranhas sobre a sua pele. Contudo, precisaria de contratar outra em breve, nem que fosse apenas pelas aparências. Não queria ficar com a reputação de ser uma daquelas viúvas excêntricas que povoavam o campo.

— Atrevo-me a dizer que poderei passar sem a Rosie, para já.

O rosto de Sarah iluminou-se.

— Posso ajudá-la com os botões das costas do vestido. Tenho jeito para botões.

Bem, já era alguma coisa.

Jolyon apareceu de novo junto da porta da carruagem, voltou a abri-la e estendeu uma mão.

— O pessoal já está lá dentro. Vem, sai daí.

Elsie desceu os degraus com dificuldade e aterrou desastrosamente, fazendo saltar a gravilha. Jolyon ergueu as sobrancelhas ao ver o seu vestido.

— Santo Deus!

Ela soltou a mão.

Enquanto ele ajudava Sarah a descer, Elsie deu uma olhadela à casa. Não revelava nada. As cortinas estavam fechadas, um implacável ecrã preto atrás das janelas. A hera trepava pelas paredes.

— Vamos. Os baús que enviaste já estão no teu quarto.

Subiram um pequeno lanço de escadas até uma porta aberta. Antes de atravessarem a ombreira, um forte cheiro a bolor atingiu-os, forçando o caminho através das narinas de Elsie. Alguém tentara cobri-lo com um toque mais suave e empoeirado. Eram os cheiros de uma gaveta de lençóis: alfazema e ervas verdes.

Jolyon avançou rapidamente, como fazia em Londres, os seus pés batendo no chão de losangos de pedra cinzenta. Elsie e Sarah ficaram para trás, desejosas de dar uma vista de olhos à casa.

A porta dava diretamente para um vestíbulo grande, uma caverna de esplendor antigo. Sobressaíam pormenores medievais: uma armadura, punhais dispostos em leque na parede e traves do teto carcomidas.

— Sabia que Carlos I e a sua rainha ficaram aqui uma vez? — comentou Sarah. — Foi a minha mãe que me contou. Imagine-os só, a andarem precisamente sobre este chão!

Elsie estava mais preocupada com o lume que ardia numa grelha de ferro preto. Correu para lá e estendeu as mãos enluvadas para as chamas. Estava habituada ao carvão; havia algo de perturbador naqueles troncos a estalarem e no cheiro intenso e doce do fumo. Fez-lhe lembrar as tábuas de pinho que usavam na fábrica para produzir os paus de fósforo. A forma como se quebravam sob a serra.

Afastou o olhar. De cada lado da lareira havia duas pesadas portas de madeira, incrustadas com ferro.

— Elsie. — Jolyon parecia impaciente. — Também tens uma lareira no teu quarto.

— Sim, mas eu... — Virou-se, e os músculos do seu rosto derreteram como cera. Debaixo das escadas. Ela não tinha reparado. Uma caixa longa e estreita no centro de um tapete oriental. — Aquilo é...?

Jolyon baixou a cabeça.

— Sim. Ao princípio, pusemo-lo no salão. Mas a governanta informou-me de que é mais fácil manter esta sala arejada e fresca.

Claro: o cheiro a ervas. Elsie recuou, sentindo as entranhas revirarem-se. Ela queria recordar Rupert vivo e a sorrir, como sempre fora, não como um boneco sem vida em exibição.

Pigarreou.

— Percebo. E pelo menos os vizinhos não terão de vaguear pela casa quando vierem prestar as suas homenagens. — Aquela terrível imobilidade que a possuía ao saber da morte de Rupert voltou, mas conseguiu contê-la. Não queria ser avassalada pela dor nem pela amargura; desejava somente fingir que aquilo nunca tinha acontecido.

— Não parece haver muitos vizinhos. — Jolyon encostou-se à balaustrada. — Até agora, só veio o vigário.

Era terrivelmente triste. Em Londres, os homens sentir-se-iam honrados por poderem ver Rupert uma última vez. Elsie lamentou, novamente, que não o tivessem levado para a cidade, onde teria um funeral decente, mas Jolyon dissera que era impossível.

Sarah aproximou-se do caixão e espreitou.

— Parece em paz. Querido homem, bem o merece. — Virou-se para Elsie e estendeu a mão.

— Venha ver, Sra. Bainbridge.

— Não.

— Está tudo bem. Venha. Vai fazer-lhe bem ver como ele está sereno. Vai ajudá-la na sua dor.

Ela duvidava seriamente.

— Não quero.

— Sra. Bainbridge...

Um tronco explodiu na grade. Elsie gritou e deu um salto para a frente. Uma chuva de fagulhas sujou-lhe as saias e desfez-se em cinzas, antes de atingir o tapete.

— Santo Deus! — Levou a mão ao peito. — Estas lareiras velhas! Podia ter-me queimado.

— Dificilmente — disse Jolyon, passando os dedos pelo cabelo. — Temos de te levar lá para cima antes que os criados apareçam e... Elsie? Elsie, estás a ouvir-me?

O salto para longe do fogo levava-a até lá. Estava bastante perto, e conseguia ver as saliências do perfil de Rupert erguerem-se do cetim branco: a ponta cinzento-azulada de um nariz, pestanas, caracóis de cabelo salpicados de branco. Era demasiado tarde para desviar o olhar. Elsie avançou, cada pé colocado com o cuidado que teria tido ao aproximar-se de uma criança adormecida. Gradualmente, espreitou por cima da alta parede do caixão.

Ficou imediatamente sem fôlego. Não era Rupert. Não propriamente. O que se encontrava diante de si era uma imitação, tão fria e encaracterística como uma efígie de pedra. O cabelo estava perfeitamente colado no seu lugar, sem qualquer vestígio do caracol que lhe caía sempre sobre o olho esquerdo. As veias quebradas que lhe adornavam a face não passavam de uma mera mancha cinzenta. Até o bigode parecia falso, destacando-se proeminentemente da pele ressequida.

Como aquele bigode picava! Sentiu-o novamente na bochecha e debaixo do nariz. Ela ria-se sempre que ele a beijava. O riso era a dádiva de Rupert. Parecia-lhe errado estar perto dele solene e em silêncio. Ele não teria querido isso.

Quando baixou os olhos para o queixo e para os pontinhos da barba que nunca voltaria a crescer, reparou que ele tinha pequenas lascas azuis na pele. Recordaram-na da sua infância e de agulhas de coser, espetadas com força no dedo.

Eram, obviamente, lascas de madeira. Mas, porque teria ele lascas na cara?

— Elsie. — A voz de Jolyon era firme. — Temos de subir. Haverá tempo suficiente para a despedida amanhã.

Ela assentiu e esfregou os olhos. Não era difícil arrancar-se dali. Apesar do que Sarah poderia pensar, olhar para um caixão não era o mesmo que dizer adeus ao seu marido. O tempo para isso

passara com o seu último suspiro. A única coisa que jazia no caixão era uma sombra pálida do homem que, outrora, fora Rupert Bainbridge.

Tiveram de subir dois lanços de escadas para ultrapassarem as traves do teto do grande vestíbulo e emergirem num pequeno pátio. Havia apenas algumas lamparinas acesas, brilhando em remendos e revelando o papel de parede vermelho com relevos.

— Por aqui — indicou Jolyon, virando à esquerda.

Tufos de pó erguiam-se sob os pés de Elsie, à medida que o seguia, com as saias húmidas a chocalhar na tapete. O corredor transmitia um ar de grandeza decadente. Havia sofás estofados encostados às paredes, com bustos de mármore lascado entre eles. Eram coisas horríveis, que a observavam com expressões mortas, sombras a arrastarem-se nas bochechas e mergulhando nas órbitas dos olhos. Não reconheceu neles nenhum escritor ou filósofo famoso. Talvez fossem os anteriores proprietários de *The Bridge*? Procurou, nas suas faces impassíveis, algum traço de Rupert, mas não encontrou nenhum.

Jolyon virou à direita e depois rapidamente à esquerda. Chegaram a uma porta em arco.

— Esta é a suite dos hóspedes — explicou ele. — Achei que ficaria confortável aqui, menina Bainbridge.

Sarah pestanejou.

— Uma suite, só para mim?

— Sim, de facto. — Ele esboçou um sorriso tenso. — O seu baú está lá dentro. Eu dormirei ao fundo do corredor, junto às escadas dos criados. — Apontou com o braço. — A Sra. Bainbridge tem uma suite igual na outra ala.

Elsie ergueu as sobrancelhas. Uma suite igual. Fora a esse nível que descera?

— Que emocionante. É como se fôssemos gémeas. — Tentou que a mordacidade não se lhe revelasse na voz, mas temia não ter conseguido.



— Vou só instalar-me — disse Sarah, embaraçada. — Depois vou ajudá-la com o vestido, Sra. Bainbridge.

— Demore o tempo que for preciso — respondeu Jolyon. — Eu vou levar a minha irmã ao seu quarto. Depois desfrutaremos de um jantar tardio.

— Obrigada.

Segurando o braço de Elsie, Jolyon conduziu-a na direção de onde tinham vindo.

— Não debes tratar a Sarah como uma serviçal, Elsie — resmungou ele.

— Na verdade, não trato, porque ela não trabalha para ganhar a vida. É uma solteirona que vive da minha caridade, não é?

— É a única familiar que o Bainbridge tinha.

Elsie virou a cabeça.

— Isso não é verdade. *Eu* era a única familiar do Rupert. Era a pessoa mais próxima dele.

— Oh, sim, conseguiste convencê-lo disso.

— Que diabo queres dizer com isso?!

Jolyon deteve-se. Olhou para trás, confirmando que não havia criados à espreita nas sombras.

— Desculpa. Foi indelicado da minha parte. A culpa não é tua. Mas pensava que eu e o Bainbridge tínhamos acordado, antes do casamento, exatamente o que aconteceria nesta situação. Foi um acordo de cavalheiros. Mas o Bainbridge...

O desconforto alastrou-se no estômago de Elsie.

— O que é que estás a dizer?

— Ele não te contou? O Bainbridge mudou o testamento um mês antes de morrer. O advogado leu-mo.

— O que é que dizia?

— Ele deixou-te tudo. Tudo! A casa de Londres, The Bridge, a sua quota na fábrica de fósforos. Mais ninguém beneficia de absolutamente nada.

Claro que o fizera. Há um mês — fora quando ela lhe dissera que estava grávida.

Pensar que, depois de tudo aquilo por que passara, conseguira casar com um homem atencioso, um homem prudente — e perdera-o. «Descuidado», teria dito a sua mãe. «Tal como tu, Elisabeth.»

— É estranho que ele tenha mudado o testamento? Sou a mulher dele. Espero um filho dele. Essa disposição não é perfeitamente natural?

— Seria. Daqui a um ou dois anos, eu não teria nada a opor. — Jolyon abanou a cabeça, continuando a descer o corredor.

Ela tentou acompanhá-lo, incapaz de se concentrar no caminho; as paredes vermelho-escuras pareciam enfunar como tecido.

— Não compreendo. O Rupert comportou-se como um anjo. Esta é a resposta às minhas preces.

— Não, não é. Pensa, Elsie, pensa! O que é que isto parece? Um homem que toda a gente considerava um solteirão incorrigível casa-se com uma mulher dez anos mais nova e investe na fábrica do irmão dela. Muda o testamento para a tornar a sua única beneficiária. Depois, apenas um mês mais tarde, morre. Um homem que parecia forte como um touro morre, e ninguém sabe como.

Ela sente como que cristais de gelo a formarem-se-lhe no peito.

— Não sejas ridículo. Ninguém iria sugerir...

— Oh, estão a sugeri-lo, garanto-te. E a sussurrá-lo. Pensa na fábrica de fósforos. Pensa no meu bom nome! Tive de navegar por esta tempestade de coscuvilhice sozinho.

Ela tropeçou. Por isso é que Jolyon a queria no campo e se recusara a levar o corpo de Rupert para ser enterrado em Londres: o escândalo.

Lembrou-se do último escândalo. Agentes da polícia, com os seus capacetes de metal, a recolher depoimentos. Os sussurros que a seguiam, como um rasto de moscas, e aqueles olhares penetrantes e famintos. Anos daquilo. Levaria anos a desaparecer.

— Santo Deus, Jo! Quanto tempo é que eu e o bebé teremos de ficar neste sítio?

Ele estremeceu. Pela primeira vez, ela apercebeu-se da dor que lhe brilhava nos olhos.

— Caramba, Elsie, o que é que se passa contigo? Estou a falar-te de se manchar o teu nome, a fábrica, e tu só pensas no tempo que vais ficar longe de Londres. Sentes sequer falta do Rupert?

Elsie sentia, como se ele fosse o ar que ela respirava.

— Sabes que sim.

— Bem, devo dizer que disfarças na perfeição. Ele era um bom homem, um grande homem. Sem ele, teríamos perdido a fábrica.

— Eu sei.

Jolyon parou ao fundo do corredor.

— Este é o teu quarto. Talvez, depois de estares instalada, tenhas a decência de sofrer.

— Eu estou a sofrer! — retorquiui ela. — Só não o faço da mesma maneira que tu.

Passando diante dele, abriu a porta do quarto e fechou-a com força atrás de si.

Fechou os olhos e encostou-se à porta, ambas as palmas premiadas contra a madeira, antes de soltar a respiração e se afundar até ao chão. O Jolyon fora sempre assim. Não devia levar as suas palavras à letra. Doze anos mais novo do que ela, sempre tivera tempo para sentir, para chorar. Elsie era a resiliente. E não fora esse o seu propósito? Manter o pequeno Jolyon na ignorância do que ela sofria?

Após alguns minutos, recuperou o domínio de si mesma. Esfregou a testa e abriu os olhos. Um quarto limpo e bem iluminado estendia-se diante de si, com janelas de ambos os lados, uma dando para o semicírculo de árvores castanho-avermelhadas que abraçava a casa e a outra virada para a ala leste, onde Sarah ficara instalada. Os seus baús estavam empilhados a um canto. O lume crepitava na lareira; ao lado, Elsie viu, com alívio, um lavatório. Plumas de vapor erguiam-se do balde. Água quente.

Ouiu a voz da sua mãe claramente ao seu ouvido. «Rapariga tola, a armar uma confusão destas! Vamos lavar esses maus pensamentos todos!»

Pondo-se de pé, tirou as luvas e foi lavar a cara. Os olhos doridos ficaram imediatamente mais aliviados, e a toalha com que secou a pele era maravilhosamente macia — quaisquer que fossem os defeitos da casa, não podia culpar a governanta.

Uma pesada cama de dossel esculpida em pau-rosa agigantava-se, encostada à parede, do outro lado. Estava coberta com roupas de cama beges, bordadas com flores. Havia ainda um toucador, com um espelho de três peças envolto em tecido preto. Ela suspirou. Era o primeiro espelho que via desde que tinha saído da estação. Estava na hora de avaliar os danos provocados pela sua queda na lama.

Voltou a colocar a toalha no suporte, encaminhou-se para o toucador e sentou-se no banco. Desviou o tecido preto. Era uma superstição tola: cobrir os espelhos para que os mortos não ficassem lá presos. Não havia nada no espelho, além de três mulheres louras de olhos castanhos, todas num estado lastimável. O véu de gaze abanava-lhe na nuca como um corvo preso numa rede. Os seus caracóis, soprados pelo vento, frisavam em torno da testa, e, apesar da rápida lavagem, uma mancha de lama persistia na bochecha direita. Esfregou-a até se desvanecer. Ainda bem que se recusara a ver os criados.

Lentamente, ergueu os braços cansados para tirar a touca e a capa e deu início à morosa tarefa de remover os ganchos do cabelo. Os seus dedos não eram tão ágeis como dantes — habituara-se a que fosse Rosie a fazer aquilo. Porém, Rosie e todos os confortos da sua vida anterior estavam a quilómetros de distância.

Um gancho ficou preso num nó e fê-la arfar. Baixou as mãos, irracionalmente irritada com essa pequena contrariedade. *Como é que isto aconteceu?*, perguntou às mulheres desalinhasadas diante de si. Elas não tinham resposta.

O espelho era frio e duro. Não continha a linda e sorridente noiva que ela fitara ainda há tão pouco tempo. Sem convite, uma cena ergueu-se na sua memória: Rupert, de pé, atrás dela, naquela primeira noite, a escovar-lhe o cabelo. O orgulho no seu rosto,

o brilho súbito da escova de cabo prateado. Uma sensação de segurança e confiança, tão rara, enquanto ela examinava o reflexo dele. Ela podia tê-lo amado.

O casamento fora uma relação negocial, cimento para assegurar o investimento de Rupert na fábrica de fósforos, mas, nessa noite, ela olhara verdadeiramente para aquele homem e percebera que podia aprender a amá-lo. A seu tempo. Infelizmente, tempo fora a única coisa que não haviam tido.

Uma batida na porta fê-la dar um salto.

— Os botões? — Era a voz de Sarah.

— Sim. Entre, Sarah.

Sarah trocara o vestido de viagem por um vestido de noite que já vira melhores dias. O tingimento preto tinha manchas irregulares. Não estava apresentável, mas, pelo menos, entrançara o cabelo de rato.

— Já escolheu um vestido? Posso perguntar a uma das criadas se há um ferro de engomar...

— Não. Por favor, arranje-me só uma camisa de dormir. — Se Jolyon queria que ela sofresse, era isso que faria. Agiria exatamente como ele, aquando da morte da mãe. Seria bem merecido. Veria o quão irritante e inútil era tê-la a chorar lá em cima.

O reflexo de Sarah torceu as mãos no espelho.

— Mas... o jantar...

— Não vou descer. Estou sem apetite.

— Mas... eu não posso jantar sozinha com o Sr. Livingstone! O que é que as pessoas iriam dizer? Mal nos conhecemos!

Irritada, Elsie levantou-se e foi ela própria procurar uma camisa de dormir. Sarah teria sido mesmo dama de companhia? Deveria saber que não era o seu papel discutir com a senhora.

— Disparate. Deve ter falado com o Jolyon no meu casamento.

— Eu não estive no seu casamento. A Sra. Crabbly adoecera. Não se lembra?

— Oh! — Elsie levou um momento a tirar a camisa de dormir de um dos baús e a compor a expressão antes de se virar. — Claro

que não. Tem de me perdoar. Esse dia... — Baixou o olhar para o algodão branco nas suas mãos. — Passou-se tudo como uma névoa de felicidade.

Rendas de Honiton, flores cor de laranja. Ela nunca imaginara ser uma noiva. Essas fantasias perdiam-se depois dos 25 anos. Para Elsie, a perspectiva parecera ainda menos provável. Desesperara, à espera de encontrar alguém em quem pudesse confiar, mas Rupert fora diferente. Algo pairava no ar em volta dele, uma aura de bondade inata.

— Compreendo — respondeu Sarah. — Agora chegue aqui. Vamos tratar desse vestido.

Elsie preferia trocar de roupa sozinha, mas não tinha escolha. Não podia dizer à prima de Rupert que tinha um abotoador — só as prostitutas os usavam.

Sarah trabalhou destramente, os seus dedos movendo-se sobre os ombros de Elsie e descendo-lhe até à cintura como gotas de chuva muito leves. O vestido tombou, sussurrando nas suas mãos.

— É um tecido tão fino. Espero que a lama saia.

— Talvez o possa levar lá abaixo por mim. Deve haver uma copeira que, por uma coroa, o possa pôr na tina sem dizer a ninguém.

Sarah assentiu com a cabeça. Dobrou cuidadosamente o vestido e encostou-o ao peito.

— E... o resto? — Lançou um olhar tímido à gaiola de anáguas, molas de metal e ganchos à volta de Elsie. — Será capaz de...

— Oh, sim. — Embaraçada, levou as mãos às fitas que seguravam a sua crinolina. — Nem sempre tive criada, sabe?

O silêncio e a imobilidade de Sarah fizeram a pele de Elsie eriçar-se. Os olhos dela fixos na sua cintura, muito abertos, mais escuros e estranhamente brilhantes.

— Sarah?

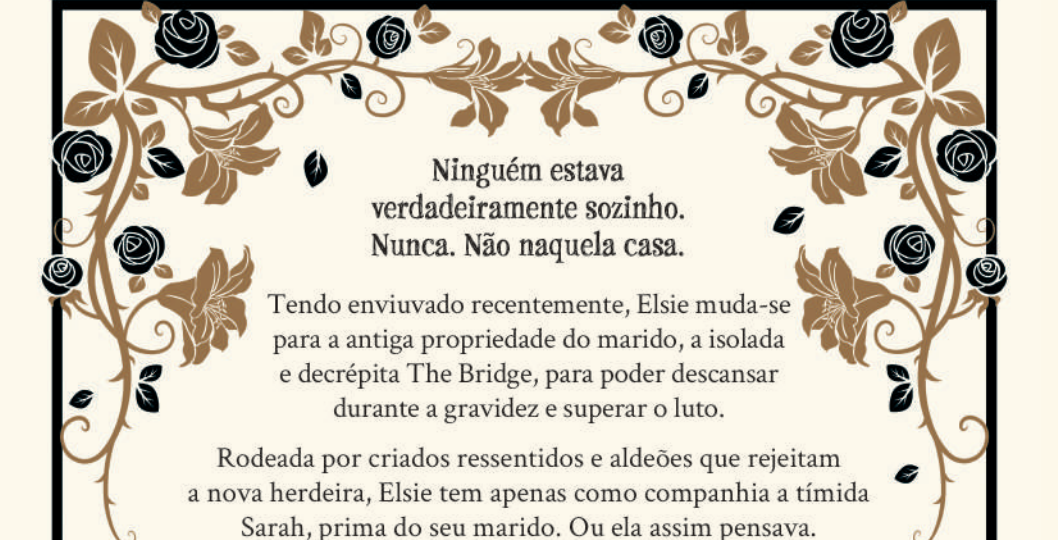
Sarah sacudiu-se.

— Sim. Muito bem. Vou descer.

Elsie baixou os olhos para o corpo, confusa. O que é que fizera Sarah fitá-la? Com um sobressalto doloroso, percebeu: as suas

mãos. Tirara as luvas para lavar a cara e revelara toda a fealdade gretada das suas mãos. Mãos endurecidas pelo trabalho, mãos de fábrica. Não eram as mãos de uma senhora.

Contudo, antes de poder dizer alguma coisa em sua defesa, Sarah abriu a porta e saiu.



Ninguém estava  
verdadeiramente sozinho.  
Nunca. Não naquela casa.

Tendo enviuvado recentemente, Elsie muda-se para a antiga propriedade do marido, a isolada e decrépita The Bridge, para poder descansar durante a gravidez e superar o luto.

Rodeada por criados ressentidos e aldeões que rejeitam a nova herdeira, Elsie tem apenas como companhia a tímida Sarah, prima do seu marido. Ou ela assim pensava.

Dentro da grande mansão, descobre um quarto fechado a sete chaves, cujo interior abriga um diário com a obscura história de família e uma figura em madeira absolutamente perturbadora... e muito parecida com Elsie.

Na casa, todos têm medo da figura pintada, à exceção de Elsie... Até que ela própria começa a sentir aqueles olhos a seguirem-na para todo o lado.

Inspirado no imaginário de Shirley Jackson e Susan Hill, este é um romance de terror vitoriano que evoca um medo inquietante em relação às presenças fantasmagóricas que espreitam nas sombras...



**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-88-1



9 789898 917881

Literatura Fantástica